

CARLOS GOMES EM MACHADO DE ASSIS

Carlos WEHRS

Quando, no início de 1997, convidei meu amigo e confrade no IHGB, o musicólogo e, embaixador Vasco Mariz, para redigir a apresentação de meu ensaio "Machado de Assis e a magia da música";¹ ele respondeu-me, em amável bilhete, concordando. E, tendo lido os originais, alguns dias mais tarde recebi dele o texto prometido, cavalheiresco e cuidadosamente elaborado, mas nele estranhando não haver encontrado, por parte do criador de Capitu, qualquer referência a Antônio Carlos Gomes, enquanto outros músicos célebres mencionados na obra esmiuçada ocupavam rol extenso.

De fato, também a mim causara espécie não figurar, uma vez sequer o título de uma das obras ou o nome do "músico americano de maior evidencia mundial no século passado" (V. Mariz), nos contos e romances de Machado de Assis, visto ter sido esta a parte de sua extensa obra por mim garimpada, e escolhida exatamente por refletir os sentimentos mais recônditos do escritor. O mesmo poderia não ter acontecido em suas crônicas e críticas que assinava na imprensa, em virtude das exigências desse gênero de trabalho, em que teria de noticiar, uma ou outra vez, apreciasse ou não, o que de mais notável e relevante ocorria nessa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ou fora dela. Assim, antes de confirmar a Vasco Mariz que nada havia sobre Carlos Gomes nem a respeito de suas obras nos referidos escritos, retornei a minhas anotações, onde pude comprovar a inexistência, completa e absoluta, de qualquer alusão, direta ou indireta, ao músico campineiro.

⁽¹⁾ Este título foi-me sugerido gentilmente por outro amigo, o economista, historiador e confrade Elycio de Oliveira Belchior

E surgiu logo a inevitável indagação: o porque dessa omissão quando Machado, inequívoco apreciador de música, assíduo frequentador de teatros, que não regateava aplausos a outros compositores, sobretudo aos europeus, silenciara a respeito do patrício? Buscando explicação para esse aspecto obscuro, percorri, então, a outra parte de sua obra, exceto, naturalmente, poesia e teatro. Pude verificar que, mesmo na imprensa, raramente ocupava-se de Carlos Gomes, e somente quando o soube gravemente enfermo, em Belém do Pará, noticiou esse fato sem especial destaque, com simplicidade; maior preeminência somente mereceu a notícia da morte do compositor, assim mesmo agregada a outras considerações. Jamais Machado colocou-o sobre um pedestal.

Algumas editoras, diferentes da Ed. José Aguilar Ltda., incluem em suas coleções da obra de Machado de Assis, numerosas crônicas, aparecidas na **Semana Ilustrada**, assinadas por **Dr. Semana**. Ora, esse pseudônimo era coletivo, e usado também por Machado. Raimundo Magalhães Jr., em seu livro **Machado de Assis desconhecido** (Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1955), no capítulo Crônicas que não são de Machado...", explica, esclarece e prova que muitas das crônicas atribuídas ao criador de Quincas Borba, são, em verdade, de Ernesto Cybrão e de outros plunitivos menores, todos sob o manto do mesmo pseudônimo **Dr. Semana**. Acompanhamos, francamente, o ponto de vista do crítico cearense, profundo conhecedor da obra machadiana.

Vejamos, então, o que na imprensa periódica, hebdomadária ou quinzenal, saiu estampado, vindo da pena de Machado relacionado a Carlos Gomes. São realmente poucas as apreciações ou notícias vindas à luz durante muitos e muitos anos. Entre as primeiras referências que vimos, datadas de 1861, no **Diário do Rio de Janeiro**, destacamos as seguintes, onde se podem notar a maneira quase indiferente e sem generosidade, e o estilo seco com que trata de Carlos Gomes, algumas vezes evitando até de nomeá-lo. Aqui, apenas dois exemplos:

Em 18.10.1861: ..."Há tempos noticiou-se que algumas senhoras haviam mandado fazer um **abatuta** para oferecer ao compositor da **Noite do Castelo**. Dizem-me que a entrega desse mimo deve ter lugar na primeira noite em que se executar aquela ópera. Confesso, e nisto não há cumprimento, que é uma das cousas

que me tocam ver a mulher acompanhar, com a sua interessante presença os triunfos, como acompanha os reveses".

Nestas poucas linhas não declinou o nome do futuro homenageado e falou em reveses...

Em 10.11.1861, noutra crônica, depois de tratar longamente de Elias Álvares Lobo, autor de duas óperas, que não alcançaram sucesso, e de João Teodoro de Aguiar, que até então escrevera um **Te Deum**, executado na Capela Imperial em 11 de fevereiro de 1860, mas que não compôs ópera sobre assuntos indígenas como se propunha, aliás nenhuma ópera, passou a Henrique Alves de Mesquita, a quem elogia. E, finalmente, chega a vez de Antônio Carlos Gomes quando diz:

"...Creio que podemos dizer: - temos música. E mais: - temos animação para os principiantes. Não acaba o chefe do estado de ornar o peito do Sr. A. C. Gomes, para quem lhe fora pedida pela Academia das Belas Artes uma condecoração? Este ato, olhado como estímulo, deve garantir os operários da idéia de que serão sempre acolhidos não só pelas graças do público, como pelos favores dos poderes do estado"...

e, adiante..."O autor da **Noite do castelo** recebeu, finalmente, das mãos de uma senhora, em pleno teatro, por ocasião de executar-se a sua ópera, a batuta de ouro com que o brindaram várias representantes do sexo amável. O trabalho artístico é de um perfeito acabado e honra bem as ofertantes".

Além das notícias da imprensa periódica, a Carlos Gomes refere-se uma vez mais, em carta dirigida a Salvador de Mendonça, datada de ... 21.07.1904. E só.

Recapitulemos, em ordem cronológica, os artigos estampados nos periódicos², surgidos depois que o músico seguiu para a Europa pela primeira vez.

No **Diário do Rio de Janeiro**, na seção "Semana Literária", em 8.05.1866, Machado escreveu:

⁽²⁾ Valemo-nos unicamente do Repertório geral de nomes próprios citados nas crônicas, nas críticas, na miscelânea coligidas por Gustavo Corção e Tristão de Ataíde e no epistolário contidos na "Obra completa" (de M. de A.), organizada por Afrânio Coutinho, para a Editora José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, em 1959.

“... Terminaremos hoje com duas notícias literárias. A primeira foi publicada no **Correio Mercantil** em correspondência de Florença: traduziu-se para o italiano o belo romance **Guarani** do Sr. J. de Alencar. O correspondente acrescenta que a obra do nosso compatriota teve grande aceitação no mundo literário. Um escritor do país, o Dr. Antônio Scalvini, tirou desse romance um poema para ópera, que vai ser posto em música pelo compositor brasileiro Carlos Gomes. A segunda notícia...

Como se vê, é notícia pura e simples da confecção do libreto para uma ópera de Carlos Gomes, por Antônio Scalvini, a partir do romance **O Guarani**, de José de Alencar. Nenhuma menção das óperas anteriores do maestro, **A noite do castelo**, estreada em 1861, no Rio de Janeiro, no teatro Lírico Fluminense, antigo Provisório, e **Joana de Flandres**, representada pela primeira vez no mesmo teatro, dois anos mais tarde, com libreto de Salvador de Mendonça, amigo tanto do escritor como do compositor. À estréia de **A noite do castelo** talvez Machado não tenha comparecido, mas esteve presente à **Joana de Flandres**, conforme se verá mais adiante. Eram estas, fora de dúvida, produções ainda incipientes nos difíceis terrenos de Euterpe, e os libretos, partes muito importantes nos dramas cantados, de autoria do jornalista Antônio José Fernandes dos Reis e de Salvador de Mendonça, respectivamente, não os favoreceram. Além disso, a seção era literária, especializada do periódico, não comportando, talvez, a invasão de outro setor artístico pelo articulista.

Mas, em 1870, quando Carlos Gomes, não mais um obscuro musicista caipira, mas já detentor do título de **Maestro Compositore**, conquistado na Itália, em 1866, aplaudido no teatro **alla Scala**, em Milão, e até elogiado pelo severo crítico musical Filippo Filippi, por haver apresentado naquela célebre casa de espetáculos a ópera **Il Guarany** e reapresentado, em estréia, ainda sem a célebre **Profonia**, no Rio de Janeiro, no mesmo teatro do Campo de Sant'Ana, na data do 45º aniversário do nosso Imperador, não temos notícia de que Machado de Assis se tivesse manifestado pela imprensa. O mesmo, quando chegou aqui a **Fosca**, outra obra sua, mostrada três vezes. Na estréia desta houve alguns aplausos, mas na segunda representação o público demonstrou frieza, pela antipatia ao tenor, afirma-se (elenco: Fricci, Alberti, Balis, Mendioros e Castelmary). Na terceira noite, em récita extraordinária, o teatro esteve

quase vazio. A imprensa foi-lhe desfavorável, sobretudo a **Gazeta de Notícias**, que atacara a peça; somente **O Mosquito** defendeu-a, graças a Júlio Huelva (pseudônimo do jornalista português Alfredo Camarate).

Veio, em 1874, **Salvator Rosa** e Machado de Assis não se manifestou, mencionando esta ópera somente dois anos depois, ainda que muito de passagem, ligando-a, ora a uma disputa entre duas empresas, líricas, a Ferrari e a Torresi (em 'História de 15 dias' (**Ilustração Brasileira**, crônica de 15.09.1876, parte V), ora a um leve cumprimento ao compositor (idem, idem, em 1.10.1876, parte IV), que transcrevemos:

"... Daquela ópera ao **Salvator Rosa** a transição é fácil; mas, enquanto o meu talentoso colega dos teatros falará mais detidamente da composição de Carlos Gomes e da companhia, eu quero daqui dar um aperto de mão no inspirado maestro brasileiro, cujo nome cresce na estima e veneração da Itália e da Europa.

"Não se iludiam os que desde o primeiro dia confiaram nele. Ele paga hoje essa confiança com os louros de que cerca o nome brasileiro.

Sinto não poder manifestar iguais sentimentos à companhia Torresi, mas tenho aqui um calo no pé... Ui!"

Aqui não deixa de acrescentar as palavras (que nos parecem farpas e que foram escritas quando no Brasil aparecera o rumor de que Carlos Gomes se naturalizara cidadão italiano)... "cujo nome cresce na estima e veneração da Itália e da Europa". (E aqui, não?).

Passaram-se duas décadas de mutismo, durante as quais o público carioca veio a conhecer outras obras de Carlos Gomes: **Lo Schiavo**, em 1889; **Condor**, em 1891 e, finalmente, o poema sinfônico-vocal **Colombo**, em 1892, mas o escritor permanece silencioso. Somente torna a manifestar-se sobre o compositor quando o sabe recolhido a seu leito de morte, através do periódico **A Semana**, em 4 crônicas, publicadas espaçadamente, a partir de 5.07.1896. Ei-las:

"... Outra morte que não sai da música, ou sai do mais íntimo dela, é a que se espera cada dia do Norte, a do nosso ilustre Carlos Gomes, Os telegramas de ontem dizem que o médico incumbido de o salvar já aplicou o remédio, mas sem esperanças.

Dá-lhe os dias contados, Aguardemos a hora última desse homem que levará o nome brasileiro deste para o século novo, e cujas obras servirão de estímulo e exemplar às vocações futuras. A vida dele é conhecida; mas nem todos terão as sensações dos primeiros dias, quando Carlos Gomes chegou de S. Paulo e aqui se estreou na Ópera Nacional, uma instituição mantida com dinheiros de loteria; leiam loteria, não bichos. Tudo é jogo, mas há espécies mais reles que outras, que apenas servem de ofício e comércio à gente vadia. Vivia de loteria a Ópera Nacional; antes vivesse de donativos diretos mas enfim viveu e deu-nos Carlos Gomes, um pouco de Mesquita, outro pouco de Elias Lobo...”

Nesta crônica Machado concede ao músico moribundo apenas o adjetivo de 'ilustre'. Naqueles tempos, como hoje ainda, todo cidadão era (é) ilustre, e até no superlativo, salvo se é excelentíssimo, conforme se lê em qualquer envelope de carta. Prevê, também, que estenderá o seu renome para o século XX, servindo de estímulo e exemplo a outros. Mas logo em seguida passa a recordar a sua chegada à Corte e a analisar a instituição criada por D. José Amat e outros idealistas. Não se detém em Carlos Gomes nem recorda seus triunfos e nem traça a sua biografia, que afirma ser conhecida.

Três semanas mais tarde, em 26.07.1896, no mesmo hebdomadário, torna ao assunto:

”...Mais palmas a S. Paulo, que acaba de votar o subsídio e a pensão a Carlos Gomes e seus filhos. Salvador de Mendonça, um dos que saudaram a aurora do nosso maestro (há quantos anos!), mandou no **serum** dos cancerosos de New York uma esperança de cura para o autor do **Guarani**. Oxalá o encaminhe à vida, como o encaminhou à glória...

As palmas são para São Paulo, por ter conseguido votar o Congresso Legislativo do Estado o projeto nº 105, assim redigido:

“O Congresso Legislativo do Estado de S. Paulo decreta:

Art. 1º - É concedido ao maestro Carlos Gomes uma pensão mensal de dois contos de réis, a partir de 1º de janeiro do corrente ano, enquanto viver.

Art. 2º - Por sua morte, cada um dos seus filhos terá a pensão de 500 mil réis mensais.

Art. 3º - Sua filha receberá a pensão de que trata o art. 2º até seu casamento, sendo-lhe então, entregue, a título de dote, a quantia de 30 contos de réis.

Art. 4º - Seu filho receberá a pensão, de que trata nesta lei, até completar a idade de vinte cinco anos.

Art. 5º - Fica o Governo autorizado a abrir o crédito necessário para as despesas resultantes da presente lei.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das sessões, em 25 de junho de 1896. Assinaturas de: Eugenio Egas, Miranda Azevedo, Júlio Mesquita, Pedro Toledo, Cardoso de Almeida, Francisco Malta, Malta Jr., Emí dio Piedade, Manuel Bento, Almeida Vergueiro, Oscar de Almeida, Eduardo Garcia, Artur Prado, Lucas de Barros, Pereira da Rocha, Carlos Vilalva e Álvares Rubião.

Machado de Assis elogia também o amigo comum de ambos, Salvador de Mendonça, ora ministro do Brasil em Washington e "um dos que saudaram a aurora do nosso maestro", por ter enviado um medicamento daquele país do norte a Belém, na vã esperança de conseguir reverter a marcha inexorável do epitelioma de língua, que consumia Carlos Gomes.

Em 6 de setembro, nova crônica, ainda em **A Semana**, em que muito objetivamente fala do agonizante, cujo padecimento verifica ser longo:

"... Carlos Gomes não deixará esperanças dessas. 'Talvez ao chegarem estas linhas ao Rio de Janeiro, já não exista o inspirado compositor, que entrou em agonia', diz uma carta do Pará, publicada ontem no **Jornal do Commercio**. Pois existe, está ainda na mesma agonia em que entrou, quando elas de lá saíram. Hão de lembrar-se que há muitos dias um telegrama do Pará disse a mesma coisa; foi antes dos protocolos italianos. Os protocolos vieram, agitaram, passaram, e o cabo não nos contou mais nada. O padecimento, assim longo, deve ser forte; a carta confirma esta dedução. Carlos Gomes continua a morrer. Até quando irá morrendo? A ciência dirá o que souber; mas ela também sabe que não pode crer em si mesma..."

E, finalmente, em **A Semana** de 20.09.1896, Machado dá a notícia da morte do compositor, ocorrida 4 dias antes, na forma seguinte:

“...A maior das notícias para nós, a única nacional, não preciso dizer que é a morte de Carlos Gomes. O telégrafo no-la deu, tão pronto se fecharam os olhos do artista e deu mais a notícia do efeito produzido em todo aquele povo do Pará, desde o chefe do Estado até o mais singelo cidadão. A triste nova era esperada - não sei se piedosamente desejada. Correu aos outros Estados, ao de S. Paulo, à velha cidade de Campinas. A terra de Carlos Gomes deseja possuir os restos queridos de seu filho, e os pede; São Paulo transmite o desejo ao Pará, que promete devolve-los. Não atentei somente para a linguagem dos dois Estados, um dos quais reconhece implicitamente ao outro o direito de guardar Carlos Gomes, pois que ele aí morreu, e o outro acha justo restituí-lo aquele onde ele viu a luz. Atentai, mais que tudo, para esse sentimento de unidade nacional, que a política pode alterar ou afrouxar, mas que a arte afirma e confirma, sem restrição de espécie alguma, sem desacordos, sem contrastes de opinião. A dor aqui é brasileira. Quando se fez a eleição do presidente da República, o Pará deu o voto a um filho seu, certo embora de que lhe não caberia o governo da União; divergiu de S. Paulo. A república da arte é anterior as nossas constituições e superior as nossas competências. O que o Pará fez pelo ilustre paulista mostra a todos nós que há um só paraense e um só paulista, que é este Brasil.

Agora que ele é morto, em plena glória, acode-me aquela noite da primeira representação da **Joana de Flandres**, e a ovação que lhe fizeram os rapazes do tempo, acompanhados de alguns homens maduros, certamente, mas os principais eram rapazes, que são sempre os clarins do entusiasmo. Ia à frente de todos Salvador de Mendonça, que era o profeta daquele caipira de gênio. Vínhamos da Ópera Nacional, uma instituição que durou pouco e foi muito criticada, mas que, se mereceu acaso o que se disse dela, tudo haverá resgatado por haver aberto as portas ao jovem maestro de Campinas. Tinha uma subvenção a Ópera Nacional; dava-nos partituras italianas e zarzuelas vertidas em português, e compunha-se de senhoras que não duvidavam passar da sociedade ao palco, para auxiliar

aquela obra. Cantava o fundador, D. José Amat, cantava o Ribas, cantavam outros. Nem foi só Carlos Gomes que ali ensaiou os primeiros voos; outros o fizeram também, ainda que só ele pode dar o surto grande e arrojado..."

Antes de traçar breve necrológio, tece comentário sobre a dúvida de onde devem ficar os restos mortais do insigne músico, se em sua terra natal ou naquela que lhe ofereceu guarida nos dias derradeiros. Somente depois, em igual espaço, recorda a estréia, em 15 de setembro de 1863, da ópera **Joana de Flandres**, a qual compareceu no velho teatro Provisório, demolido em 1878³. E "a ovação que lhe fizeram os rapazes do tempo [entre os quais não se incluiu, contando ele próprio, na época, 24 anos] acompanhados de alguns [somente alguns] homens maduros, certamente, mas os principais eram rapazes..., Ia à frente de todos Salvador de Mendonça [autor do libreto da ópera, então com 22 anos de idade]..." "Vínhamos da [Imperial Academia de Música e] Ópera Nacional, uma instituição que durou pouco". [Aliás, nem tão pouco assim: 7 anos].

Aliás, essas lembranças da noite em que ouviu pela primeira e talvez única vez essa ópera, vêm recordadas em 1904. Do "Epistolário"⁴ extraímos a seguinte

CARTA A SALVADOR DE MENDONÇA:

[Rio de Janeiro,] Cosme Velho,
21 de julho [de] 1904.

Meu querido Salvador.

Vi também através do discurso o perfil do nosso querido [Henrique César] Muzzio. Também me lembraste, ao narrar a noite do ensaio da **Joana de Flandres**, a festa da primeira representação desta ópera, quando tu, eu e tantos outros cercando o Carlos Gomes, descemos

⁽³⁾ Foi demolido por que ficava defronte à rua dos Ciganos, hoje da Constituição, ocupando área que atualmente integra os jardins da praça da República. "Era um vasto e deselegante edifício (...). Tinha amplas dimensões, bastando lembrar que comportava 124 camarotes dispostos em 4 ordens superpostas, podendo cada um acomodar 4 pessoas sentadas na frente". (apud Alfredo Nascimento, in "Relembrando Carlos Gomes", **Rev. Bras. de Música**, v. III fasc. 2º, 1936).

⁽⁴⁾ **Obra completa, op. cit.**

em aclamações ali pela Rua dos Ciganos abaixo. Restamos alguns, e as lembranças que não acabam; [...]

...e não esqueças o /Velho amigo / Machado de Assis.⁵

Estaria, realmente, Machado de Assis apartado de Carlos Gomes, ou tratava-se apenas de indiferença pelo compositor e sua obra? Afora as palavras linhas acima, por nós interpretadas como 'farpas', nenhuma vez nos deparamos com alguma investida contra ele. Por desconhecermos o modo de pensar do escritor, torna-se muito arriscado formar um juízo a respeito, mormente tendo já decorrido mais de um século - e não havendo qualquer evidencia epistolar - resta-nos formular conjeturas, hipóteses, estes sim, estribadas no que ficou nos arquivos e, talvez, através da análise das aparentes omissões do escritor.

Um exemplo: Quando após a morte do visconde de Castilho (Antônio Feliciano de Castilho), em 18.06.1875, na **Semana Ilustrada** de 4 de julho do mesmo ano Machado de Assis compôs artigo sobre esse escritor, tradutor e célebre poeta lusitano, citando-lhe duas de suas obras **Ciúmes de Bardo** e **A noite do castelo**, teria sido a ocasião, caso fosse do agrado de Machado, lembrar, de passagem que fosse, ter sido no poema **A noite do castelo** que Antônio José Fernandes dos Reis baseara o libreto da ópera homônima de Carlos Gomes. Mas não o fez.

As duas primeiras óperas, **A noite do castelo** e **Joana de Flandres**, no Rio de Janeiro receberam aplausos do público e da crítica em geral, apesar de serem obras de iniciante, encenadas por amadores, e isso, acreditamos, por serem produto de músico inspirado, de quem já se podiam vislumbrar os grandes dotes artísticos, mas a quem ainda faltava o necessário estudo⁶, e então Machado de Assis deixa a impressão de não

⁽⁵⁾ Henrique César Muzzio foi jornalista do Diário do Rio de Janeiro; faleceu em Paris, cego. A rua dos Ciganos é a atual rua da Constituição.

⁽⁶⁾ Veja-se, a título de curiosidade e para comparação, a discografia dos ditos "long-playings" de trechos de óperas de Carlos Gomes, existente em 1977, arrolada na **Enciclopédia da música brasileira**, quanto a partes instrumental e canora:

CONDOR, 1 gravação; FOSCA, 3; O GUARANI, 14; JOANA DE FLANDRES, 1; MARIA TUDOR, 1; A NOITE DO CASTELO, nenhuma; SALVADOR ROSA, 6, e, O ESCRAVO, 10. Essa distribuição das diferentes gravações é evidente reflexo da preferência do público, revelada desde as primeiras gravações e, cilindros e discos de um só lado gravado e, principalmente nos de 78 rotações, durante décadas.

ter partilhado o entusiasmo com os outros rapazes por ocasião da estréia da **Joana de Flandres** (A Semana, 20.09.1896).

No mesmo ano desta apresentação, 1863, nosso músico seguiu para a Itália onde, a despeito de mil dificuldades, venceu. Após sete anos de ausência reaparece no Rio de Janeiro, coberto de louros e acompanhado da aplausos, e, presumia-se, também financeiramente bem situado, ante o extraordinário sucesso alcançado no ultramar.

Quanto aos aplausos e a glorificação⁷, não restavam dúvidas; a parte pecuniária, porém, não era boa. O pouco que obtivera pela venda intempestiva dos direitos autorais de **Il Guarany** na Itália, ao editor Francesco Luca, as três mil liras (ou os três mil francos, segundo outros, entre os quais o visc. de Taunay), escorreram-lhe através os dedos. Em verdade, chegara ao Rio sem dinheiro, a ponto de ter de vender a Artur Napoleão (firma Narciso & A. Napoleão, recém-fundada) as partituras para piano e canto, piano só, como também todas as árias e trechos separados de **O Guarani**. Certamente estas desfavoráveis circunstâncias eram largamente comentadas na rua do Ouvidor, coração e cérebro da cidade de então, onde também alcançaram os ouvidos de Machado. Este, por essa época, trabalhava no Diário Oficial, como ajudante do diretor do órgão, e de onde não provinham vencimentos polpudos; e nessas condições de trabalho parcamente remunerado, deve ter encarado o maestro como um extravagante, senão perdulário. O êxito da ópera **O Guarani**, no Lírico Fluminense, não abalou o jornalista a ponto de dedicar-lhe, nem postumamente em crônica, uma linha sequer.

Carlos Gomes, após meses de permanência no Brasil então retorna a Itália, onde se casa com a pianista bolonhesa Adelina Peri pouco mais tarde (1872), e, exatamente três meses depois, a 16.02.1875, no teatro alla Scala estréia sua **Fosca**, com libreto do renomado Antonio Ghislanzoni, redator da **Gazetta musicale** de Milão, e autor de libretos de compositores famosos (**Aída**, de Verdi, **Lituani**, de Ponchielli, entre outras). Mas a **Fosca**, hoje considerada das melhores de sua lavra, na época foi apontada como de transição da música italiana, melodista, que até então cultivara, para a wagneriana, na opinião do acatado Filippo Filippi e, no Rio de Janeiro não alcançou, igualmente o êxito almejado, conforme já vimos.

(7) Fora também nomeado Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália.

Nesse ano, também, em abril, no Rio de Janeiro, Alfredo d'Escragnolle Taunay, visconde de Taunay, deputado por Goiás na 15ª Legislatura, sente a hostilidade geral de seus pares ao apresentar na Camara um projeto, no sentido de conseguir para Carlos Gomes uma subvenção por 5 anos; ainda assim obtém as assinaturas necessárias e ele é aprovado. Dizia o projeto:

"A Assembléia Geral resolve:

Art. 1º - Fica o Governo autorizado a conceder, durante 5 anos, ao maestro Antonio Carlos Gomes a subvenção de quatro contos e oitocentos milréis (RS 4:800\$000) anuais.

Art. 2º - Ficam revogadas as disposições em contrário.

Sala das sessões, 7 de abril de 1873".

Em julho do mesmo ano foi assinada essa pensão.

Carlos Gomes continuava na Itália, e já escrevendo seu **Masaniello**, depois rebatizado para **Salvator Rosa**, apresentado ao público em Génova no ano seguinte, com absoluto sucesso. Enquanto isso **II Guarany** continuava em cartaz pelos teatros da Itália, revertendo os lucros para os bolsos da viúva de Lucca.

Para o Rio de Janeiro o cabo submarino transmite essas auspiciosas noticias mas muitos por aqui haviam de perguntar-se, muito justamente, se era cabível onerar o Tesouro Nacional com Rs 400\$000 mensais, durante 5 anos, para subvencionar um músico brasileiro, bem sucedido no estrangeiro, onde compunha música em estilo europeu.

É por essa época e durante essa fase de bem-estar que Carlos Gomes decidemudar-se para Lecco, junto ao lago Como, para ali construir uma casa, com as economias que pensa fazer. A casa, denominada 'Villa Brasilia', não seria nada modesta, antes suntuosa, apalacetada, tendo ao lado um lago e um bosque. Os detratores do compositor cuidam de fazer chegar ao Rio também este pormenor, e mais uma vez por aqui se questiona a oportunidade da subvenção concedida ao compositor que, como se afirmava, vivia à larga, gastando, dissipando com amantes o que ganhava.

Notícias deste gênero decerto não contribuiriam para aumentar as simpatias pelo músico, sendo agravado este ambiente quando mais tarde, 1880, surgiu a notícia, com aparência de verdadeira, de que Carlos

Gomes, casado com mulher italiana, com filhos nascidos e vivendo naquele país, renegara sua pátria e resolvera optar pela naturalização. Nada mais falso, porém. Os filhos foram todos ao nascer, registrados no consulado brasileiro, e ele próprio, nem pensava em tomar a cidadania italiana; mas no Rio de Janeiro e em São Paulo e até mesmo em Campinas espalhou-se esse boato e nele cria-se firmemente. O maestro, vindo a saber dessa difamação, obtivera na Itália em 1882, do comendador César Persiani, então nosso cônsul-geral em Gênova, documento negando essa invencionice partida de desafetos. Mas o mal já estava feito, e todos sabemos quão pouco úteis são esses desmentidos tardios, e nosso músico campineiro, quando vinha à Corte ou ia até São Paulo não se cansava de negar todas essas notícias informando que continuava brasileiro e ... pobre.

É óbvio que no Rio eram numerosos os seus admiradores, e até na vizinha Niterói era ele festejado. Em 28 de agosto de 1880, a Filarmônica Niteroiense, que então existia na rua Visconde de Uruguai, 167, num sobrado, convidou o músico para seu concerto mensal. Vindo a Niterói nesse dia, assistiu à execução de seu **Guarani** (ou parte dele), sob a regência de Oscar Guanabario. Por sua vez os jovens intelectuais da cidade também se movimentaram e em sua homenagem instalaram a 7 de setembro imediato o "Congresso Literário Guarani" entidade que duraria até 1912. A Câmara Municipal homenageou-o em 1883, por proposta do vereador Alberto Victor, dando o nome de Carlos Gomes à antiga Primeira Travessa de Sant'Ana.

Já em 21.04.1880, na referida Filarmônica Niteroiense D. Luísa Regadas cantara uma ária do **Salvator Rosa**, acompanhada ao piano.

Propalava-se igualmente que a música que escrevia em Milão provinha de um músico italiano, pobre e ébrio, que lhe vendia a inspiração mediante algumas centenas de francos. E José Cândido da Gama Malcher, músico paraense, afirmava que o título de sua futura ópera fora copiado de uma das suas... (Brito, Jolumá, **op. cit.**). (Mais tarde esses músicos fizeram as pazes).

Outra hipótese aventada e com que se poderia explicar o retraimento de Machado de Assis com relação a Carlos Gomes, mas que dificilmente pode ser aceita, é a de que não apreciava suas composições. **O Guarani**, bem do gênero italiano, fora aplaudido sempre que representado,

por aqui e na Europa, e sabemos que Machado prezava as óperas italianas. Quando surgiu a **Fosca**, que se dizia ter sido de transição para wagneriana, tampouco o jornalista rompeu o silêncio, ele que tanto apreciava composições alemãs, sobretudo depois que começara a aprender o alemão⁸.

Mais urna conjectura: Teria Machado de Assis deixado de mencionar a arte do campineiro porque em alguns periódicos em que colaborava existia seção especializada em música, e que os críticos desta não queriam vê-la invadida? Não procede esta suposição, pois se percorrermos suas crônicas e páginas de crítica, veremos que inúmeras vezes Machado teceu comentários, extensos até, sobre música, companhias líricas, cantores e quejandos.

Prosseguindo na investigação, decidimos estabelecer uma comparação entre alusões a outros compositores e os nossos. A surpresa não foi pequena quando colocados os dados de nossa busca em números, pudemos verificar que Machado era comedido em suas publicações na imprensa, embora não o fosse nas belas-lettras, na literatura amena (contos e romances, neste caso). Assim enquanto nesta não media elogios nem economizava na menção de nomes, nos periódicos nem era tão pródigo assim. Nas 210 crônicas e nos 35 textos de críticas examinados, verificamos menções a 11 autores europeus de música erudita, além de 2 da música ligeira. Encontramos mencionados uma vez: Bach, Bellini, Donizetti, Flotow, Gounod, Haydn, Meyerbeer; Beethoven, Mozart e Wagner, duas vezes, e, Verdi, 4 vezes. Rossini não é lembrado nominalmente; Bizet só é recordado através de sua ópera **Carmen**, assim mesmo apenas através de *Mérimée*. Entre os brasileiros anotamos: Elias Álvares Lobo, urna vez, o padre José Maurício, 3, e, Carlos Gomes, 6 vezes citado. A palma cabe, portanto, a este último.

⁽⁸⁾ Seu professor desse idioma foi Carlos Jansen, nascido em Colônia, Alemanha, em 1829, e falecido no Rio de Janeiro, em 23-09-1889. Novelista, teatrólogo, romancista, tradutor, jornalista e professor., era filho de uma princesa da casa de Wied-Neuwied. Lecionou seu idioma aos príncipes imperiais do Brasil, gozando como pedagogo e professor de excelente conceito geral (*apud Oberacker*, op. cit.).

Era considerado o melhor professor dessa língua na época, no Rio de Janeiro, de modo que, quando alguns dos futuros membros da Academia Brasileira decidiram aprender alemão, escolheram-no para ensiná-los. Machado de Assis escreveu-lhe o prefácio a **Contos Seletos das Mil e Uma Noites**, que traduzira para o vernáculo (Edição Laemmert, Rio de Janeiro), em outubro de 1882.

Para concluir esta pesquisa, formulamos mais uma hipótese, esta a respeito da opinião que Machado poderia ter formado sobre a música do campineiro, é o do desempenho dos artistas que, aqui no Rio de Janeiro, interpretavam óperas de autores nacionais, isto é, daqueles cantores angariados, disponíveis na ocasião. Aqueles que vinham do exterior - infelizmente não era esse o caso das óperas brasileiras - já contratados por uma companhia lírica, em geral italiana, eram, evidentemente de outro nível artístico; e desses, ainda que bem pagos, alguns recusavam trabalhar no Rio, receosos de contraírem as febres. E, por falta de meios, como era quase sempre o caso, lançava-se mão da "prata da casa", as mais das vezes constituída de amadores que, embora possuíssem boas vozes e demonstrassem boa vontade, faltavam-lhes os recursos artísticos de profissionais; o mesmo pode-se imaginar a respeito da coreografia, dos cenários e da indumentária, provavelmente pobres. Esse conjunto de fatores, tão importante, não propiciava um excelente resultado final.

Enquanto a representação de **A noite do castelo**, cujo libreto, escrito por obscuro jornalista fluminense, "um desses tremendos dramalhões românticos", escreve Luis Heitor (Correia de Azevedo) [**in Rev. Bras. de Música, v III fasc. 2º**] foi um verdadeiro raio, e os jornais na época teceram-lhe os maiores encômios (elenco: meio-soprano Luísa Amat, tenor Marchetti, barítono Eduardo Medina Ribas etc.). Na **Joana de Flandres** foi diferente. Já não era mais D. José Amat o administrador e empresário da Academia de Música Imperial e Ópera Nacional, substituído que fora por Joaquim Norberto de Sousa Silva e Dr. Antonio José de Araújo, e incluídas nas finalidades deste empreendimento a fomento das óperas italianas (que acabaram vencendo em detrimento das nacionais), apareceram mil dificuldades para a encenação da segunda ópera de Carlos Gomes. Ali reinava o caos e discórdia era total entre a direção e os músicos, que não eram pagos há cinco meses; entre aquela e o maestro principal, e entre este e Carlos Gomes, e entre todos esses e grande parte da imprensa. Mas, afinal, depois de adiamentos a encenação ocorreu em 15.09.1868 (elenco: sopranos Therezina Bayetti e Luísa Amat, tenor José Mazzi, barítono Luis Walter e baixo Achilles Rossi). O regente foi o maestro Bosoni (Luís Heitor, **op. cit.**). Constituiu, ainda assim, um sucesso. A empresa, esta sim, impopularizou-se e pouco mais tarde foi dissolvida pelo Governo imperial. Com efeito, é o próprio jornalista Machado de Assis

quem nos fornece a respeito a explicação, clara e irretorquível, quando em crônica, datada de 1 de julho de 1876 ('História de 15 dias', in **Ilustração Brasileira**), afirma:

“Sobre notas tivemos esta quinzena duas espécies; as falsas e as da ópera italiana, - um velho *calembour*, rafado, magro e decrépito, que há de viver ainda muito tempo. Por quê? Porque acode logo à boca.

Ópera italiana é uma maneira de falar. Reuniram-se alguns artistas, que vivem há muito entre nós, e cantavam o Trovador; prometem cantar algumas óperas mais.

São bons? Não sei, porque não os fui ainda ouvir; mas das notícias benignas dos jornais, concluo que, - um não cantou mal, - outro *interpretou bem algumas passagens, o côro de mulheres esteve fraquinho e o de homens foi bem sofrível e não se achava mal ensaiado.*

São as próprias expressões de um dos mais competentes críticos.

Que concluir depois, senão que o público fluminense, é uma das melhores criaturas do mundo?

Ele ouviu Stoltz, Lagrange, Tamberlick, Charton, Bouché e quase todas as celebridades de há anos. Benévolo e protetor do trabalho honesto, não quer saber se os atuais cantores lhe darão os gozos de outro tempo; acode a ampará-los e faz bem.

Balzac fala de um jogador inveterado e sem vintém que, presente nas casas de tavolagem, acompanhava mentalmente o destino de uma carta, parava nela um franco ideal, ganhava ou perdia, tomava nota das perdas e ganhos, e enchia a noite desse modo.

O público fluminense é esse jogador, sem vintém; ficou-lhe o vício musical sem os meios de o satisfazer. Vai à tavolagem, acompanha o destino de uma nota, reconhece às vezes que é falsa, mas troca-a mentalmente por outra que ouviu em 1853.”

Ao encerrarmos essas especulações, temos de reconhecer que quaisquer inferências se baseiam mais no que Machado de Assis não escreveu do que naquilo que nos legou em páginas de crítica e crônicas.

Ainda assim acreditamos poder afirmar ter o escritor jamais tido a oportunidade de apreciar devidamente a obra de Carlos Gomes composta depois de seu aperfeiçoamento na Europa, aqui sempre, ou quase sempre apresentada por elencos de qualidade discutível. O único entusiasmo que ele confessa ter sentido, foi o diante da ópera de 1863, **a Joana de Flandres**, e que provavelmente deveu-se à sua juventude, ao fato de ser o libreto do amigo Salvador de Mendonça, quase da sua idade, e, possivelmente também ditada por um certo grau de orgulho nacionalista. E, quem sabe (?) por ter-se esta ópera destacado vantajosamente das outras nacionais que a precederam⁹, de menor qualidade, de modo que esses fatores, conjugados, vieram causar-lhe a euforia sempre lembrada. Mas é patente que o conjunto das obras do músico campineiro jamais seduziu o escritor, derivando daí a total omissão do nome do músico em suas obras de ficção.

BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

- BRITO, Jolumá. **Carlos Gomes (O Tônico de Campinas)**. S. Paulo: Saraiva, 1956.
- CERNICCHIARO, Vincenzo. **Storia della musica nel Brasile**. Milão: Fratelli Riccione, 1926.
- Diário do Rio de Janeiro**, nas datas assinaladas no texto.
- Enciclopédia da música brasileira** (erudita, folclórica, popular). S. Paulo: Art Editora Ltda., 1977.
- HEITOR, Luís. In **Revista Brasileira de Música**, v. III fasc. 2º, 1936.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar Ltda., 1959.
- MAGALHÃES JR.. **Machado de Assis desconhecido**. Rio de Janeiro: Civil Brasileira, 1955.
- MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, 4ª ed.
- _____. **Dicionário Biográfico Musical**. Belo Horizonte: Ed. Vila Rica, 1991, 3ª ed.
- MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio da Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1971.

⁹ Ao tempo de Machado de Assis essas óperas foram: **A noite de São João**, em 1860, de Elias Álvares Lobo; **A noite do castelo**, em 1861, do próprio Carlos Gomes, e, em 1862, **A corte de Mônaco**, de Domingos José Ferreira.

NASCIMENTO, Alfredo. In **Revista Brasileira de Música**, v. III fasc. 2º, 1936.

OBERACKER JR., Carlos H. **A contribuição teuta à formação da Nação brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1968.

Revista Brasileira de Música, Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1936, v. III fasc. 2º.

SOUSA, José Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: MEC/ INL, 1958.

WEHRS, Carlos. **Machado de Assis e a magia da música**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.